

De Federico García Lorca

Yerma

Tradução: Marcus Mota

Edição: Gabriel Peata

TRAGÉDIA EM TRÊS ATOS E SEIS QUADROS (1934)

PERSONAGENS:

YERMA	FÊMEA
MARIA	1ª CUNHADA
VELHA	2ª CUNHADA
DOLORES	1ª MULHER
1ª LAVANDEIRA	2ª MULHER
2ª LAVANDEIRA	MENINOS
3ª LAVANDEIRA	JOÃO
4ª LAVANDEIRA	VÍTOR
5ª LAVANDEIRA	MACHO
6ª LAVANDEIRA	1º HOMEM
1ª JOVEM	1º HOMEM
2ª JOVEM	1º HOMEM

PRIMEIRO ATO

PRIMEIRO QUADRO

(Ao erguer-se o pano, Yerma dorme, tendo aos pés uma cestinha de costura. A cena possui estranha luz de sonho. Entra um pastor na ponta dos pés, olhando fixamente Yerma. Leva pela mão um menino vestido de branco. Soa o relógio. Saem o pastor e o menino. Ao saírem, a luz azul de sonho é substituída por uma alegre luz matinal de primavera. Yerma desperta.)

CANTO (Voz em off)

Oh, nana, neném
Que vamos fazer
Casinha no campo
Pra gente viver

YERMA

João? João, me ouviu?

JOÃO

Já ouvi.

YERMA

Está na hora.

JOÃO

O rebanho passou?

YERMA

Passou todo.

JOÃO (faz menção de sair)

Então já vou indo.

YERMA

Toma um copo de leite?

JOÃO

Pra quê?

YERMA

Trabalha muito e não tem corpo para tanto trabalho.

JOÃO

O corpo enxuto é forte como aço.

YERMA

Não o teu. Quando nos casamos, era outro. Agora tem o rosto pálido como se nunca visse o sol. Por que não vai ao rio nadar um pouco ou sobes ao telhado quando a chuva cala nossa casa? Já estamos casados há vinte e quatro meses e tu, João, estás cada vez mais triste, mais seco, quase que crescendo ao contrário.

JOÃO

Já terminou?

YERMA (*erguendo:se*)

Não leve a mal. Se eu tivesse doente, gostaria que me cuidasse. “Minha mulher está doente: vou matar este cordeiro para fazer um bom guisado. Minha mulher está doente: vou guardar esta banha de galinha para aliviar seu peito. Vou levar esta pele de ovelha para proteger seus pés da neve.” Eu sou assim. Por isso te cuido.

JOÃO

E eu sou muito agradecido.

YERMA

Mas não deixa que eu cuide de você.

JOÃO

É que não tenho nada. É tudo invenção da sua cabeça. Trabalho muito. Envelheço a cada ano que passa.

YERMA

A cada ano... Nós dois vamos continuar aqui, ano após ano...

JOÃO (*sorridente*)

Naturalmente. E em paz. Os negócios vão bem; não temos filhos que gastem.

YERMA

Não temos filhos... João!

JOÃO

Fala.

YERMA

Não demonstro meu amor?

JOÃO

Demonstra.

YERMA

Sei de mulheres que tremeram e choraram antes de se entregarem a seus maridos. E eu? Chorei a primeira vez que dormi contigo? Não cantava ao levantar as barras dos lençóis de renda? E não disse: “Como estas roupas cheiram a maçã?”

JOÃO

... Disse isso mesmo!

YERMA

Minha mãe chorou, porque não fiquei triste quando saí de casa. E era verdade! Ninguém se casou com mais alegria. E, no entanto...

JOÃO

Chega!

YERMA

E, no entanto...

JOÃO

Chega, já falei. Estou cansado de ouvir toda hora...

YERMA

Não, não repita o que dizem. Por meus olhos vejo que as coisas não podem ser assim... As pedras se abrandam sobre o peso das chuvas e fazem crescer o mato, que todo mundo diz que não seve pra nada. O mato não serve pra nada, mas move suas flores amarelas no ar.

JOÃO

É preciso esperar!

YERMA

Isso mesmo, pra conseguir o que se quer! (*Yerma abraça e beija o marido, por sua iniciativa.*)

JOÃO

Precisando de alguma coisa, pede, que eu trago. Sabe que não gosto que saia.

YERMA

Nunca saio.

JOÃO

Fica melhor aqui.

YERMA

Fico.

JOÃO

A rua é para os desocupados.

YERMA (*sombria*)

Claro.

(O marido sai. Yerma dirige:se para o quarto de costura. Passa a mão pelo ventre, levanta os braços num lindo bocejo. Senta:se e costura.)

- De onde vem, amor, meu filho?
- Da crista do duro frio.

(Enfia a agulha)

- Precisa de alguma coisa, amor, meu filho?
- Do calor de teu vestido.
Que os ramos se agitem ao sol
e que as fontes jorrem ao redor.

(Como se falasse com uma criança)

O cão ladra no pátio,
nas árvores canta o vento.
Os bois mugem ao vaqueiro
e a lua me eriça os cabelos.
O que pede, filho, de tão longe?

(Pausa)

- Os brancos montes de teu peito.
Que os ramos se agitem ao sol
e que as fontes jorrem ao redor.

(Costurando)

- Digo, meu filho, digo sério
que mesmo ferida e arruinada te espero.
Como dói a cintura
que será teu primeiro berço!
Quando chega, meu filho, quando?

(Pausa)

- Quando tua carne exalar jasmim.
Que os ramos se agitem ao sol
e que as fontes jorrem ao redor.

(Yerma fica cantando. Pela porta entra Maria, que vem com um embrulho nas mãos)

YERMA
Vem de onde, Maria?

MARIA
Da loja.

YERMA
Da loja? Tão cedo?

MARIA

Por mim, teria ficado à porta até que abrissem... Adivinha o que comprei?

YERMA

Café, açúcar e pães para o jejum.

MARIA

Não, Rendas, linho, fitas e lã colorida. Dinheiro de meu marido, ele mesmo me deu.

YERMA

São para uma blusa?

MARIA

Não. É que... Sabe?

YERMA

O quê?

MARIA

É que... Vou ter um filho! (*Fica de cabeça baixa.*)

(*Yerma levanta-se, observando-a com admiração*)

YERMA

Com cinco meses de casada!

MARIA

Isso.

YERMA

Tem certeza?

MARIA

Naturalmente.

YERMA (*com curiosidade*)

Sente alguma coisa?

MARIA

Não sei. (*pausa*) Angústia.

YERMA

Angústia. (*Agarrada a ela.*) Mas... Quando sentiste?... Me conta. Estava distraída...

MARIA

É, distraída...

YERMA

Cantava, não é mesmo? Eu canto. E você? Fala.

MARIA

Não me pergunte mais. Nunca sentiu um pássaro vivo apertado na mão?

YERMA

Já senti.

MARIA

Pois é o mesmo... Mas por dentro do sangue.

YERMA

Que maravilha! (*Observa-a extasiada*)

MARIA

Me sinto perdida. Não sei nada.

YERMA

Nada de quê?

MARIA

Do que tenho que fazer. Vou perguntar pra minha mãe.

YERMA

Pra quê? Está velha e deve ter esquecido estas coisas. Não ande muito, respira devagar, como se tivesse uma rosa entre os dentes.

MARIA

Escuta: Dizem que depois ele empurra suavemente com as perninhas.

YERMA

É nesse momento que se tem mais amor; quando se pode dizer: “meu filho!”

MARIA

Apesar de tudo, tenho vergonha.

YERMA

Teu marido, que disse?

MARIA

Nada.

YERMA

Ele não te ama?

MARIA

Não fala disso, mas se deita comigo e seus olhos tremem como duas folhas verdes.

YERMA

Ele sabe que...?

MARIA

Sabe.

YERMA

Como?

MARIA

Não sei. Mas na noite do nosso casamento dizia isso tantas vezes, com a boca em meu rosto, tanto que parece que meu filho é um pombo de luz que ele fez deslizar pela minha orelha.

YERMA

Mulher de sorte!

MARIA

Mas, Yerma, entende mais disso que eu.

YERMA

E o que adianta?

MARIA

Realmente. Por que será que isso acontece? De todas as noivas de teu tempo, a única que...

YERMA

Porque é assim mesmo. Claro que ainda há tempo. Helena demorou três anos; e outras mais antigas, do tempo de minha mãe, muito mais. Mas dois anos e vinte déias, como eu, é esperar demais. Acho que não é justo que me consuma aqui. Muitas noites saio descalça pelo pátio, para pisar a terra, não sei por quê. Se continuo assim, acabarei mal.

MARIA

Mas, criatura, vem cá: fala como uma velha. Deus me livre! Ninguém pode se queixar sobre esses assuntos. Uma irmã de mina mãe pariu depois de quatorze anos!... E que beleza de criança!

YERMA (Com ansiedade.)

O que fazia?

MARIA

Chorava como um tourinho, com a força de mil cigarras cantando de uma vez só, e nos molhava, e puxava nossas tranças. E quando fez quatro meses, enchia de arranhões as caras de todos.

YERMA (Rindo.)

Mas essas coisas não doem.

MARIA

Mas...

YERMA

Ah! Eu vi mina irmã dar de mamar ao filho com os seios cheios de feridas e dor, mas era uma dor fresca, boa, saudável, necessária para a saúde.

MARIA

Dizem que se sofre muito com os filhos.

YERMA

Mentira. Isso é o que dizem as mães fracas, queixosas. Para que os têm? Ter um filho não é ganhar um ramo de rosas. Precisamos sofrer, para vê-los crescer. Acho que nisso se vão metade do nosso sangue; Mas isso é bom, sadio, belo. Toda mulher tem sangue pra quatro ou cinco filhos. Quando os filhos não vêm, o sangue torna-se veneno, que é o que acontece comigo.

MARIA

Não sei o que tenho.

YERMA

Sempre ouvi dizer que da primeira vez sempre se tem medo.

MARIA (*Tímida.*)

Veremos... Costura muito bem, Yerma...

YERMA (*apanhando o embrulho*)

Me dá. Vou cortar pra umas roupinhas. E isso?

MARIA

São as fraldas.

YERMA

Ah, bom (*senta-se*).

MARIA

Então... Até logo.

(Aproxima-se e Yerma passa as mãos amorosamente no ventre de Maria)

YERMA

Não corra. Cuidado com as pedras da rua.

MARIA

Adeus (*beija-a e sai*).

YERMA

Volta quando puder (*Yerma fica na mesma atitude do começo. Segura os tecidos, cortando-os. Entra Vítor*) Olá Vítor.

VÍTOR (*sério, de aspecto grave*)
E João?

YERMA
Está no campo.

VÍTOR
Costura o quê?

YERMA
Estou cortando umas fraldas.

VÍTOR (*Sorridente*)
Que bom!

YERMA (*Rindo*)
Em volta das fraldas vou colocar renda.

VÍTOR
Se for menina, dá teu nome.

YERMA (*Tremendo.*)
Não entendi.

VÍTOR
Fico feliz por você.

YERMA (*quase sufocada*)
Não... não são para mim. São para o filhinho de Maria.

VÍTOR
Bem, vamos ver se, com o exemplo, se anima. Nesta casa faz falta uma criança.

YERMA (*Com angustia.*)
Como faz!

VÍTOR
Pois em frente: Fala pra teu marido para pensar menos no trabalho. Quer juntar dinheiro vai juntar, mas para quem deixa quando morrer? Eu vou com as ovelhas. Fala para João vir levar as duas que ele comprou de mim. E quanto a este outro assunto... Tem fé... (*Sai sorrindo.*)

YERMA (*Com paixão*)
Ter fé...

Digo, meu filho
Que mesmo ferida e arruinada sou tua.
Como dói a cintura
Que será teu primeiro berço.

Quando chega, meu filho, quando?
“Quando tua carne exalar jasmim.”

(Yerma, que em atitude pensativa se levanta e corre para o lugar onde Vítor esteve e respira fortemente como se aspirasse ar de montanha, vai depois para o outro lado da sala, como à procura de alguma coisa, e de lá volta e retorna a costura. Costura e fica como os olhos fixos num ponto vazio.

PANO

SEGUNDO QUADRO

(Campo. Yerma entra. Traz uma cesta. Aparece a Velha)

YERMA:
Bom Dia!

VELHA:
Que sejam bons para sempre, bela moça. Vem de onde?

YERMA:
Fui levar comida a meu marido, que trabalha nos olivais.

VELHA:
É casa há muito tempo?

YERMA:
Três anos.

VELHA:
Tem filhos?

YERMA:
Não.

VELHA:
Ah! Logo vai ter!

YERMA (ansiosa):
Acha que sim?

VELHA:
Porque não? *(Senta)* Eu também levava comida para meu esposo. É velho. Porém, trabalha ainda. Tenho nove filhos, fortes como nove sóis, mas, como nenhum é fêmea, aqui estou de um lado para outro.

YERMA:

A Senhora vive do outro lado do rio?

VELHA:

Sim, certo. Nos moinhos. Qual é tua família?

YERMA:

Sou filha de Henrique, o pastor.

VELHA:

Henrique o pastor! Conheci. Boa gente. Levantar, suar, comer uns pães e morrer. Nem mais nem menos. Diversão que fique para os outros. Criaturas de silêncio. Poderia ter me casado com um tio seu. Mas não! Sempre fui uma mulher com as saias ao vento, que gostava de provar do bom e do melhor, festeira. Muitas vezes ficava de madrugada na porta pensando ouvir música de bandolins, música que ia e vinha, mas era o ar (*ri*) vai rir de mim. Tive dois maridos, quatorze filhos, cinco morreram, no entanto, não sou infeliz e gostaria de viver muito mais. É o que digo: As figueiras quanto duram! E somente nós, as endemoniadas mulheres, nos desmanchamos por qualquer coisa.

YERMA

Quero lhe fazer uma pergunta.

VELHA

O que é? (*Olha-a*) Já sei o que vai perguntar. Dessas coisas não se pode falar nada (*Levanta se*)

YERMA (*Detendo-a*):

Porque não? Fiquei confiante ouvindo. Há tempos desejo conversar com uma mulher mais velha. Porque eu quero saber. Sim. A senhora vai me dizer...

VELHA:

Quer que eu diga o quê?

YERMA (*Baixando a voz*):

O que a senhora sabe. Por que estou assim seca? Em plena vida vou ficar cuidando aves ou pendurando cortininhas engomadas nas janelas de casa? Não. A senhora vai me dizer o que devo fazer, pois farei o que for, ainda que mande cravar agulhas no meio dos meus olhos.

VELHA:

Eu? Não, não sei de nada. Deitei de bruços e comecei a cantar. Os filhos chegam como a água. Ah! Quem pode dizer que o teu corpo não é belo?! Ah! Me deixe, mulher, não me faça falar. Penso muitas coisas que não quero dizer.

YERMA:

Por quê? Com meu marido não falo de outra coisa!

VELHA:

Escuta: Gosta de teu marido?

YERMA:

Como?

VELHA:

Gosta dele? Deseja estar com ele?

YERMA:

Não sei.

VELHA:

Não treme quando se aproxima de ti? Não te dar assim como um sonho, quando ele aproxima os lábios? Fala.

YERMA:

Não. Nunca senti isso.

VELHA:

Nunca? Nem quando dançava...?

YERMA (*Recordando*):

Talvez... Um dia... Vítor...

VELHA:

Continua.

YERMA:

Me tomou pela cintura e não pude dizer nada, porque não podia falar. Outra vez, Vítor mesmo, quando eu tinha quatorze anos – ele era um homem e tanto – , me tomou em seus braços para saltar um rego d’água. E eu tremia toda por dentro que podia até ouvir o bater dos dentes

VELHA:

E com teu marido...?

YERMA:

Com meu marido é outra coisa. Foi dado por meu pai, e eu aceitei. Com alegria. Esta é a pura verdade. Pois no primeiro dia do nosso noivado... Já pensei... nos filhos... Em seus olhos me via. Sim, mas eu era pequenina, como se fosse minha própria filha.

VELHA:

Comigo foi tudo ao contrario. Talvez por isso teus filhos ainda não vieram. É preciso que os homens agradem. Desfazer as nossas tranças e nos dar de beber água em sua boca. Assim anda o mundo.

YERMA:

O teu: porque o meu não. Eu penso muitas, muitas coisas, e estou certa de que meu filho realizará as coisas que penso. Por ele, tenho me entregado a meu marido e continuo assim, para ver se chega; mas nunca por prazer.

VELHA:

Por isso está assim vazia!

YERMA:

Não, vazia não, porque estou me enchendo de ódio. Diz: a culpa é minha? É preciso buscar no homem apenas o homem? Nada mais? Então, o que se pode pensar, quando te deixa na cama com os olhos tristes, perdidos no espaço, e dá meia volta e adormece? Vou ficar pensando nele, ou no que pode sair reluzindo de meu peito? Eu não sei, me responde, por caridade (*Ajoelha-se*)

VELHA:

Que flor sincera! Que criatura tão bela! Me deixa. Não me faça falar mais. Não quero mais falar contigo. São assuntos de honra e eu não destruo a honra de ninguém. Um dia vai entender. Mas, de qualquer jeito, devia ser menos ingênua.

YERMA (*Triste*):

As mulheres criadas no campo, como eu, têm todas as portas fechadas. Tudo são meias palavras, gestos, porque todas essas coisas dizem que não se pode saber. E você também se cala, com ar de doutora, sabendo de tudo, mas negando vida a quem tem sede.

VELHA:

Para uma mulher mais serena eu contaria. Pra você não. Sou velha e sei o que digo.

YERMA:

Então, que Deus me ajude.

VELHA:

Deus não. Nunca gostei de Deus. Minha filha, quando vai entender que ele não existe? Os homens sim é que têm de te ajudar.

YERMA:

Mas, porque me diz isso? Por quê?

VELHA (*saindo*):

Mesmo assim deveria existir Deus, mesmo que fosse pequenino, para que mandasse raios contra homens que, feito praga, sufocam a alegria dos campos.

YERMA:

Não sei o que a senhora quer me dizer.

VELHA:

Bem, eu sei. Não fique triste. Tem esperança. És muito jovem, apesar de tudo. O que quer que eu faça? (*Sai. Aparecem duas JOVENS*)

1ª JOVEM:

Por toda a parte vamos encontrando gente.

YERMA

Como os homens trabalham nos olivais, é preciso levar comida para eles. Em casa ficam somente os velhos.

2ª JOVEM:

Volta para a vila?

YERMA:

Volto.

1ª JOVEM:

Estou com muita pressa. Deixei o menino dormindo e não há ninguém em casa.

YERMA:

Então, vai logo, mulher. Não se pode deixar os meninos sozinhos. Há porcos em tua casa?

1ª JOVEM:

Não. Mas tens razão. Vou depressa.

YERMA:

Anda. É assim que as coisas acontecem. Com certeza deixou fechado em casa.

1ª JOVEM:

Claro.

YERMA:

Sim, mas é que não percebe o que é uma criança pequena. Algo que nos parece mais inofensivo pode acabar com ela. Uma agulhazinha, um gole de água.

1ª JOVEM:

Tem razão. Vou correndo. É que não entendo bem essas coisas.

YERMA:

Anda.

2ª JOVEM:

Se tivesses quatro ou cinco filhos, não falaria assim.

YERMA:

Por quê? Mesmo que tivesse quarenta.

2ª JOVEM:

Seja como for, você e eu, sem eles, vivemos mais tranquilas.

YERMA

Eu, não.

2ª JOVEM:

Eu, sim. Que canseira! Enquanto isso, minha mãe não faz outra coisa senão me encher de ervas para que eu tenho filhos, e em outubro iremos ao Santo que, dizem, os dá a quem pede com fervor. Minha mãe pedirá. Eu, não.

YERMA:

Por que se casou?

2ª JOVEM:

Porque me casaram. Todas se casam. Continuando desse jeito, não vai mais haver solteiras, a não ser as crianças. Bem, na verdade... A gente se casa muito antes de ir à igreja. As velhas se empenham em todas essas coisas. Tenho dezenove anos e detesto cozinhar, detesto lavar. Será que vou passar o dia inteiro fazendo o que não gosto? E pra quê? Que necessidade tem meu marido de ser meu marido, se, quando éramos noivos, fazíamos o mesmo que agora? Besteira dos velhos.

YERMA:

Fica quieta, não fale desse jeito.

2ª JOVEM:

Também vai me chamar de louça. “Olha a louca, a louca!” (*Ri*) Posso dizer que a única coisa que aprendi na vida é: todo mundo está enfiado dentro de casa fazendo aquilo que odeia. É bem melhor estar no meio da rua! Uma hora vou ao rio; em outra, subo a tocar os sinos, tomo um refresco de anis.

YERMA:

Não passa de uma criança.

2ª JOVEM:

Isso mesmo: mas não louca (*Ri*)

YERMA:

Tua mãe vive na parte mais alta da vila?

2ª JOVEM:

Sim.

YERMA:

Na última casa.

2ª JOVEM:

É.

YERMA:

Qual o nome dela?

2ª JOVEM:

Dolores. Por que pergunta?

YERMA:

Por nada.

2ª JOVEM:

Se pergunta, é porque tem motivo.

YERMA:

Não sei... É algo que...

2ª JOVEM:

Isso contigo... Olha, vou levar a comida ao meu marido (*Ri*). É o que importa. Que pena não pode dizer “meu noivo”, não é mesmo? (*Ri*) Lá se vai a louca! (*Sai, rindo alegremente*) Adeus!

VOZ DE VÍTOR (*Cantando*)

Por que dorme sozinho, pastor?
Por que dorme sozinho, pastor?
Dormiria melhor
No meu cobertor.
Por que dorme sozinho, pastor?

YERMA (*Escutando*)

Por que dorme sozinho, pastor?
Dormiria melhor
No meu cobertor.
Tua colcha de escura pedra,
pastor,
e tua camisa de orvalho,
pastor,
juncos cinzas do inverno
na noite de tua cama.
Os fortes põem agulhas,
pastor,
Debaixo do travesseiro,
Pastor,
E se ouve voz de mulher
É a voz da água em ruínas.
Pastor, pastor.
O que o monte quer de ti,
pastor?
Monte de ervas amargas,
Que menino está te matando?
O espinho dentro das carnes!

(Vai saindo e dá de encontro com VÍTOR, que entra)

VÍTOR (Alegre):
Onde vai essa mulher?

YERMA:
Era você que cantava?

VÍTOR:
Era.

YERMA:
Muito bom! Nunca te ouvi cantar.

VÍTOR:
Nunca?

YERMA:
E que voz tão poderosa! Parece um jorro de água que te enche toda a boca!

VÍTOR:
Sou alegre.

YERMA:
É verdade.

VÍTOR:
E tu triste.

YERMA:
Não sou triste. É que tenho motivos para estar.

VÍTOR:
E teu marido ainda mais triste.

YERMA:
Ele sim. Tem o temperamento seco.

VÍTOR:
Sempre foi a mesma coisa. *(Pausa. YERMA está sentada)* Veio trazer a comida?

YERMA:
Vim. *(Olha VÍTOR. Pausa.)* O que é isso aqui? *(Aponta para o rosto)*

VÍTOR:
Onde?

YERMA (Levanta-se e se aproxima de VÍTOR):
Aqui... parece uma queimadura.

VÍTOR:
Não é nada.

YERMA:
Acho que é. *(Pausa.)*

VÍTOR:
Deve ser o sol...

YERMA:
Talvez

(Pausa. Silêncio acentuado, e de repente começa uma luta entre os personagens)

YERMA (tremendo):
OuvIU?

VÍTOR
O quê?

YERMA
Um choro.

VÍTOR (Escutando):
Não.

YERMA:
Parece que uma criança chora.

VÍTOR:
Uma criança?

YERMA:
E bem perto. Chora como um afogado.

VÍTOR:
Quem sabe não é um dos garotos que vem sempre roubar frutas por aqui?

YERMA:
Não. É a voz de uma criança pequena *(Pausa.)*

VÍTOR:
Não ouço nada.

YERMA:
Devem ser ilusões minhas. *(Olha-o firmemente, e VÍTOR também a olha e desvia o olhar lentamente, como se tivesse medo. Entra JOÃO)*

JOÃO:
O que está fazendo aqui?

YERMA:
Conversando.

VÍTOR:
Até mais ver. (*Sai*)

JOÃO:
Devia ficar em casa.

YERMA:
Me distraí.

JOÃO:
Não compreendo com o quê.

YERMA:
Ouvia os pássaros cantando.

JOÃO:
Muito bem. Desse jeito vai dar o que falar.

YERMA (*com força*):
João, o que pensa de mim?

JOÃO:
Não é por ti; é pelos outros.

YERMA:
Que morram os outros!

JOÃO:
Não jogue Praga! É feio por uma mulher.

YERMA:
Quem dera ser uma mulher!

JOÃO:
Vamos acabar com essa conversa. Vai para casa. (*Pausa.*)

YERMA:
Tudo bem. Vem logo?

JOÃO:
Não, vou passar toda a noite na irrigação. A água que chega é pouca e é minha até o amanhecer, e tenho que proteger o que resta dos ladrões. Vai deitar e dormir.

YERMA (*Dramática*):
Dormir?! (*Sale.*)

PANO

SEGUNDO ATO

PRIMEIRO QUADRO

(Torrente onde as mulheres do povoado lavam roupas. As Lavadeiras estão situadas em diversos planos)

CANTAM:

(versão brasileira)

- Lá é vem o navio de guerra!
- Lá é vem o navio de guerra!
Navegando pelo mar...
Auê Iemanjá! Não deixa meu barco virar (2X)

Minha gente venha ver
O que eu achei no mar:
Foi um piãozin de ouro
E uma peneira de cessar

Eu vou cessar, eu vou cessar,
Areia do mar eu vou cessar (2x)

Eu vou cessar areia
Eu vou cessar areia
Eu vou cessar areia do mar
Areia do mar eu vou cessar

*Nas águas desse rio
Lavo tuas roupas.
Sou como um jasmim ardente
Sempre com o sorriso na boca.*

1ª LAVANDEIRA:

Não gosto de falar.

3ª LAVANDEIRA:

Mas aqui se fala.

4ª LAVANDEIRA:

E não há mal nisso.

5ª LAVANDEIRA:

Aquela que quiser ser respeitada, que faça por merecer.

4ª LAVANDEIRA:

Eu plantei um tomilho,
Que crescendo vem
Quem quiser respeito
Que se porte bem. (*todas riem*)

5ª LAVANDEIRA:

Assim dizem

1ª LAVANDEIRA:

Mas nunca se sabe nada.

4ª LAVANDEIRA:

O certo é que o marido levou as duas irmãs para morar com eles.

5ª LAVANDEIRA:

As solteironas?

4ª LAVANDEIRA:

Elas mesmas. Estavam encarregadas de cuidar da igreja, e agora vão cuidar da cunhada. Eu não poderia viver com elas.

1ª LAVANDEIRA:

Por quê?

4ª LAVANDEIRA:

Porque metem medo. São como essas enormes plantas que nascem de repente nas sepulturas. Estão untadas com cera. São viradas por dentro. Parece que fazem sua comida com o azeite das lâmpadas.

3ª LAVANDEIRA:

E elas já estão em casa?

4ª LAVANDEIRA:

Desde ontem. O marido foi de novo trabalhar nas suas terras.

1ª LAVANDEIRA (*com curiosidade*):

E o que houve?

5ª LAVANDEIRA:

Ela ficou a noite inteira na varanda, a pesar do frio.

1ª LAVANDEIRA:

Mas, por quê?

4ª LAVANDEIRA:

Custa: lhe muito ficar dentro de casa.

5ª LAVANDEIRA:

Essas duronas são assim: em vez de costurar ou fazer compostas de maçã, preferem subir ao telhado ou andar descalças nos rios.

1ª LAVANDEIRA:

Quem é você para dizer essas coisa? Ela não tem filhos, mas a culpa não é dela.

4ª LAVANDEIRA:

Quem quiser ter filhos, consegue. É que as “bem tratadas”, as dengosas, as açucaradas não são feitas para ter o ventre enrugado. *(Riem)*

3ª LAVANDEIRA:

Enchem a cara de pó e brilhos e arrumam o cabelo com raminhos e tudo mais em busca de outro que não é o marido.

5ª LAVANDEIRA:

Não há outra verdade.

1ª LAVANDEIRA:

Mas alguma de vocês viu a mulher com outro?

4ª LAVANDEIRA:

Nós, não, mas o povo, sim.

1ª LAVANDEIRA:

Sempre o povo!

5ª LAVANDEIRA:

E que se encontraram duas vezes.

2ª LAVANDEIRA:

E o que faziam?

4ª LAVANDEIRA:

Conversavam.

1ª LAVANDEIRA:

Conversar não é pecado.

4ª LAVANDEIRA:

Há uma coisa no mundo que é o olhar. Minha mãe já dizia: não é a mesma coisa uma mulher olhando rosas e de olho nas coxas de um homem. E ela olha o homem.

1ª LAVANDEIRA:

Mas, a quem?

4ª LAVANDEIRA:

Um qualquer. Ouviu? Entendeu? Quer que fale mais alto. (*Risadas*) E quando ela está sozinha e não pode vê-lo, pois não está com ele na sua frente, leva o homem retratado dentro dos olhos.

1ª LAVANDEIRA:

Isso é mentira (*Algazarra*)

5ª LAVANDEIRA:

E o marido?

3ª LAVANDEIRA:

O marido está surdo. Imóvel como um lagarto ao sol. (*Riem*)

1ª LAVANDEIRA:

Tudo isso endireitaria se tivessem filhos.

2ª LAVANDEIRA:

Tudo isso são coisas de gente que não se conforma com seu destino.

4ª LAVANDEIRA:

A cada hora que passa, aumenta o inferno naquela casa. Ela e as cunhadas, de boca fechada, limpam todo o dia as paredes, areiam as panelas, limpam com bafo os vidros, dão lustro ao chão; pois quanto mais reluz a casa, mais arde por dentro.

1ª LAVANDEIRA:

A culpa é dele; dele mesmo. Quando um homem não é pai, deve cuidar de sua mulher.

4ª LAVANDEIRA:

A culpa é dela, que tem a língua dura como pedra.

1ª LAVANDEIRA:

Que demônio se meteu entre os teus cabelos para falar desse modo?

4ª LAVANDEIRA:

E quem deu licença para tua boca me dar conselhos?

2ª LAVANDEIRA:

Fiquem quietas! (*risadas*)

1ª LAVANDEIRA:

Se pudesse, acorrentava todas essas línguas que vivem murmurando!

2ª LAVANDEIRA:

Fiquem quietas!

4ª LAVANDEIRA:

E eu esmurrava o peito das fingidas.

2ª LAVANDEIRA:

Silêncio. Não percebe que as cunhadas vêm por ali?

(Murmúrios. Entram as duas CUNHADAS de YERMA, vestidas de luto. Põem-se a lavar, em meio ao silêncio. Ouvem-se sinos)

- Lá é vem o navio de guerra!

- Lá é vem o navio de guerra!

Navegando pelo mar...

Auê Iemanjá! Não deixa meu barco virar

1ª LAVANDEIRA:

Os pastores já foram?

3ª LAVANDEIRA:

Já, já foram. Agora partem os rebanhos.

4ª LAVANDEIRA (*inspirando*):

Gosto tanto do cheiro das ovelhas.

3ª LAVANDEIRA:

Gosta?

4ª LAVANDEIRA:

E por que não? Cheiro que cada uma tem. Gosto muito do cheiro de lama vermelha do rio no inverno.

3ª LAVANDEIRA:

Que esquisitice!

5ª LAVANDEIRA (*Olhando*):

Os rebanhos vão todos juntos.

4ª LAVANDEIRA:

É uma inundação de lã. Arrasam com tudo. Se o trigo novo tivesse cabeça, tremeria ao ver que chegavam.

3ª LAVANDEIRA:

Olha como correm! Uma manda de inimigos!

1ª LAVANDEIRA:

Já saíram todos. Não falta nenhum.

4ª LAVANDEIRA:

Deixa ver... Não... Sim, sim... Falta um.

5ª LAVANDEIRA:

Qual?

4ª LAVANDEIRA: O de Vítor. (As duas Cunhadas se erguem e olham)

(As Lavadeiras cantando baixo)

Nas águas frias desse rio
lavo tua roupa.
Sou como um jasmim ardente
Sempre com o sorriso na boca.
Quero viver
na pouca neve
desse jasmim.

1ª LAVANDEIRA:

Coitada da casada vazia!
Coitada da quem tem seios de areia!

5ª LAVANDEIRA:

Me diz se teu marido
As sementes guarda
Para que a água cante
Dentro das anáguas.

4ª LAVANDEIRA:

Tua camisola
É nave de prata e vento
que desliza sobre a orla.

1ª LAVANDEIRA:

As roupas de meu filho
Venho lavar,
Para que da água tome
Deveres de cuidar

2ª LAVANDEIRA:

Pelo monte vem
Meu marido comer
Uma rosa ele tem
Para me oferecer

5ª LAVANDEIRA:

Pela terra vem
Meu marido jantar
A brisa convém
Pra nos namorar

4ª LAVANDEIRA:

Pelos ares vem chegando
Meu marido dormir
Eu olho ele vermelho
Ele, vermelho alhelí.

1ª LAVANDEIRA:

É preciso unir flor com flor
Quando o verão seca o sangue do segador.

4ª LAVANDEIRA:

E abri o ventre a pássaros sem sonho
Quando a porta chama o inverno medonho.

1ª LAVANDEIRA:

É, nos lençóis é preciso gritar.

4ª LAVANDEIRA:

E é preciso cantar!

5ª LAVANDEIRA:

Quando a coroa e trigo
O homem nos dá

4ª LAVANDEIRA:

Porque os braços se enlaçam.

2ª LAVANDEIRA:

Porque a luz se quebra na garganta.

4ª LAVANDEIRA:

Porque se talo dos âmbares se levanta.

1ª LAVANDEIRA:

E as lojas de vento encobrem as montanhas.

6ª LAVANDEIRA: (*Aparecendo no alto da torrente.*)

Para que um menino funde
O vitral imóvel da alvorada.

1ª LAVANDEIRA:

E abra o nosso corpo
Com ramos furiosos de coral.

6ª LAVANDEIRA:

Para que haja marinheiros
Nas águas do mar.

1ª LAVANDEIRA

Um menininho, um menino.

2ª LAVANDEIRA:

E as pombas abrem as asas e o bico.

3ª LAVANDEIRA:

Um menino que chora, um filho.

4ª LAVANDEIRA:

E os homens avançam
Como cervos feridos.

5ª LAVANDEIRA:

Alegria, alegria, alegria,
Do ventre redondo sob a saia!

2ª LAVANDEIRA:

Alegria, alegria, alegria,
Umbigo, cálice doce de cangaia!

1ª LAVANDEIRA:

Mas coitada da casada seca!
Coitada da quem tem seios de areia!

3ª LAVANDEIRA:

Que brilhe!

2ª LAVANDEIRA:

Que corra!

5ª LAVANDEIRA:

Que torne a brilhar!

1ª LAVANDEIRA:

Que cante!

2ª LAVANDEIRA:

Que se esconda!

1ª LAVANDEIRA:

E que volte a cantar!

6ª LAVANDEIRA:

A aurora que meu filho
Leva no avental

2ª LAVANDEIRA: (Cantam todas em coro.)

Nas águas frias desse rio
lavo tua roupa.
Sou como um jasmim ardente
Sempre com o sorriso na boca.

Minha gente venha ver
O que eu achei no mar:
Foi um piãozin de ouro
E uma peneira de cessar

Eu vou cessar, eu vou cessar,
Areia do mar eu vou cessar (2x)

Eu vou cessar areia
Eu vou cessar areia
Eu vou cessar areia do mar
Areia do mar eu vou cessar (*Riem*)

(Movimentam as roupas com ritmo, batendo-as contra o chão)

PANO

SEGUNDO QUADRO

(Casa de YERMA. Entardecer. JOÃO está sentado. Suas irmãs, em pé)

JOÃO:

Então ela saiu faz pouco tempo? *(A IRMÃ mais velha responde com a cabeça)* Deve estar na fonte. Mas vocês sabem que não gosto que ela saia sozinha. *(Pausa)* Podem por a mesa. *(Entra a IRMÃ mais nova)* Eu ganho o pão com muito esforço *(à IRMÃ)* Ontem tive um dia duro. Pudei as macieiras e no fim da tarde pensei pra que serve tanta ilusão na labuta se não tenho tempo de comer uma maçã. Estou farto. *(Passando as mãos no rosto. Pausa)* E essa que não chega... chega... Uma de vocês devia ter ido com ela, pois para isso estão aqui, comendo da minha comida e bebendo do meu vinho. Minha vida está no campo, mas a minha honra está aqui. E a minha honra também é a de vocês. *(A IRMÃ inclina a cabeça)* Não me levem a mal. *(Entra YERMA com dois cântaros (vaso bojudo e grande). Fica parada à porta)* Vem da fonte?

YERMA:

Trago água fresca pro jantar *(Entra a outra irmã)* Como estão as terras?

JOÃO:

Ontem fiz a poda.
(YERMA deixa os cântaros. Pausa.)

YERMA:

Fica em casa hoje?

JOÃO:

Não, tenho que tratar do gado. São coisas de patrão, sabe bem disso.

YERMA:

Sei muito bem. Não precisa repetir.

JOÃO:

Todo homem tem sua vida.

YERMA:

E cada mulher a sua. Não peço que fique. Tenho tudo o que preciso aqui. Tuas irmãs me guardam muito bem. Há pão novo e requeijão e cordeiro assado para mim e pastos verdes para teus animais. Pode ficar em paz, João.

JOÃO:

Para ficar em paz é preciso tranqüilidade.

YERMA:

E não tem?

JOÃO:

Não, não tenho.

YERMA:

Não mude de assunto.

JOÃO:

Não conhece meu modo de ser? As ovelhas no curral e as mulheres em casa. Você sai muito, Yerma. Eu sempre disse isso.

YERMA:

Ótimo. As mulheres em suas casas. Quando as casas não são tumbas. Quando as cadeiras se quebram e os lençóis se gastam com o uso. Mas aqui não. Todas as noites, quando me deito, encontro a minha cama ainda mais nova, mais reluzente, como se acabasse de chegar da cidade.

JOÃO:

Você mesma reconhece que tenho razão de me queixar. Que preciso estar alerta!

YERMA:

Alerta, de que? Não te ofendo em nada. Sou totalmente submissa, e o que sofro, guardo entranhado em meu ser. E a cada dia que passa as coisas pioram. Não vamos mais falar nada. Sei carregar minha cruz o melhor que puder, mas não me pergunte mais nada. Se de repente pudesse me tornar velha e ter a boca como uma flor pisoteada, ficaria feliz em passar a vida contigo. Mas, agora, agora me deixe ficar com meus cravos.

JOÃO:

Fala de um jeito que não compreendo. Não te privo de nada. Mando buscar dos povoados próximos tudo que te agrada. Tenho meus defeitos, mas quero paz e sossego vivendo contigo. Quero, lá fora, dormir pensando que você também dorme aqui dentro.

YERMA:

Mas eu não durmo, eu não posso dormir.

JOÃO:

Falta alguma coisa? Fala. *(Pausa)* Responde!

YERMA (Com intenção e olhando fixamente para JOÃO):

Sim, me falta.

(Pausa.)

JOÃO:

Sempre a mesma coisa. Faz mais de cinco anos. Já estava quase esquecendo.

YERMA:

Mas eu não sou você. Os homens têm outra vida: o gado, as árvores, as conversas, e a nós, as mulheres, não resta nada além de filhos e o cuidado com os filhos.

JOÃO:

Não precisa ser igual a todo mundo. Por que não traz um filho do teu irmão pra criar? Eu não me oponho.

YERMA:

Não quero cuidar dos filhos dos outros. Imagino meus braços gelando ao ninhar essas crianças.

JOÃO:

É por isso que enlouquece a cada dia, sem pensar no que devia pensar, empenhada a dar com a cabeça numa pedra.

YERMA:

É pedra porque é uma bruta infâmia, porque deveria ser uma cesta de flores e água boa de se beber.

JOÃO:

Quem está do teu lado sente somente inquietação e desassossego. O melhor a fazer é se resignar.

YERMA:

Não vim para esta casa para me resignar. Quando estiver dentro de um caixão com a boca amordaçada e as mãos amarradas, aí sim vou me resignar.

JOÃO:

Então, o que quer fazer?

YERMA:

Quero beber água e não há copo nem água; quero ir ao monte e não tenho pés; quero bordar minhas anáguas e não acho os fios.

JOÃO:

Acontece que você não é uma verdadeira mulher e procura a ruína de um homem sem convicção.

YERMA:

Não sei quem sou. Deixa que eu ande e me desafogue Não te faltei em nada.

JOÃO:

Não gosto que os outros me aponte. Por isso, quero ver esta porta fechada, e cada um dentro de sua casa.

(Entra a PRIMEIRA IRMÃ, lentamente, e aproxima-se de um armário)

YERMA:

Falar com os outros não é pecado.

JOÃO:

Mas pode parecer.

(Entra a outra irmã, dirige-se aos cântaros, nos quais enche uma jarra)

JOÃO (Baixando a voz):

Não tenho forças para essas coisas. Quando vierem conversar contigo, fecha a boca e lembra que é uma mulher casada.

YERMA (Com assombro):

Casada!

JOÃO:

E que as famílias têm honra, e a honra é uma carga que todos devemos carregar. *(Aparece a IRMÃ com a jarra, lentamente)* Ainda que esteja escondida e fraca nas artérias. *(Aparece a outra IRMÃ carregando uma sopeira, como em procissão. Pausa)* Me perdoa *(YERMA olha para João. Este, ao erguer a cabeça, encontra o olhar dela)* Mesmo diante desse olhar não devia pedir perdão, pois tenho que mandar e te prender. Para isso sou teu marido.

(Aparecem as duas IRMÃS à porta)

YERMA:

Imploro para que não fale mais. Deixa quieto o assunto. *(Pausa)*

JOÃO:

Vamos comer. *(Entram as IRMÃS. Pausa)* Ouvia?

YERMA (suave):

Come com tuas irmãs. Não tenho fome agora.

JOÃO:

Como quiser *(sai)*.

YERMA (Como sonhando):

Ah, campo de dores!
Ah, beleza fechada à rua!,
que peço um filho para sofrer, e o ar
me oferece dalias de dormida lua!
Estes meus dois mananciais de leite escasso
que tenho são, na espessura
de minha carne, dois pulsos de cavalo,
que latejam os cumes de minha angústia.
Ah, seios cegos sob meu vestido!
Ah, pombas sem olhos e sem alvura!
Ah, que dor de sangue, carcereira,
Cravando vespas em minha nuca!
Mas, amor, você virá, amor, meu filho,
porque a água do mar, a terra e a fruta
e nosso ventre abrigam queridos filhos,
assim como a nuvem traz doce chuva.
(Olha para a porta)

Maria! Porque passa assim tão depressa pela minha porta?

MARIA (*Entra com uma criança nos braços*):

Quando vou com o menino, tenho pressa... Você sempre chora...

YERMA:

Tem razão (*Pega a criança e se senta*)

MARIA:

Fico triste que tenha inveja.

YERMA:

Não é inveja; é pobreza.

MARIA:

Não se queixe.

YERMA:

Como não me queixar, quando vejo você e as outras mulheres cheias de flores por dentro e eu inútil em meio a tanta beleza?

MARIA:

Mas você tem outras coisas. Se me escutasse, poderia ser feliz.

YERMA:

A mulher do campo que não dá filhos é inútil como um monte de espinhos, e até pior! Coloquei tudo nas mãos de Deus. (*MARIA faz um gesto para tomar de volta o filho*) Leva, contigo fica melhor. Não devo ter mãos de mãe.

MARIA:

Por que diz isso?

YERMA (*Se levanta*):

Porque estou farta, estou farta de ter essas mãos e não poder usá-las no que quero. Pois estou ofendida, ofendida, humilhada ao extremo, vendo que os trigos despontam, que as fontes não cessam de manar água em abundância, e que as ovelhas dão a luz de centenas de cordeiros e as cadelas, e que parece que todo o campo erguido me mostra suas crias tenras, adormecidas, enquanto eu sinto golpes de martelo aqui, no lugar da boca de meu filho.

MARIA:

Não gostei do que me disse.

YERMA:

As mulheres que têm filhos não pensam mais nas que não tiveram. Ficam frescas e ignoram tudo, como alguém que nada em água boa e não tem a idéia da sede.

MARIA:

Não quero te dizer o que sempre te digo.

YERMA:

Cada vez tenho mais desejos e menos esperanças.

MARIA:

Isso é mal.

YERMA:

Vou acabar acreditando que eu sou minha própria filha. Muitas noites saio para dar comida aos bois, pois antes não fazia, porque nenhuma mulher sai à noite, e quando passo pela soleira da porta, na escuridão, meus passos têm o peso dos passos de um homem.

MARIA:

Toda criatura tem sua razão de ser.

YERMA:

A pesar de tudo, ele continua me querendo. Olha como vivo!

MARIA

E tuas cunhadas?

YERMA:

Morta e sem mortalha eu seja se alguma vez eu dirigir a palavra a elas.

MARIA:

E teu marido?

YERMA:

São três contra mim.

MARIA:

O que pensam de você?

YERMA:

Invenções. De gente que não tem a consciência em paz. Acreditam que gosto de outro homem. Não sabem que, ainda que eu gostasse, defendo a honra acima dessas coisas. São pedras diante de mim. Mas eles não sabem que eu, se quiser, posso ser água de rio que os afoga e os leva.

(Uma IRMÃ de JOÃO entra e sai levando um pão)

MARIA:

De todo modo, teu marido continua te querendo.

YERMA:

Meu marido me dá pão e casa.

MARIA:

Quanta aflição, quanta aflição. Yerma, mas lembra das chagas de Nosso Senhor! *(Estão à porta)*

YERMA (*olhando a criança*):

Acordou.

MARIA:

Logo vai começar a cantar.

YERMA:

Tem os teus olhos, Maria. Sabia disso? Notou alguma vez (*Chorando*) Tem os mesmos olhos!

(*YERMA empurra suavemente MARIA que sai silenciosa. YERMA dirige-se à porta por onde o marido entrou*)

2ª JOVEM (*pedindo silêncio*):

Psiu!

YERMA (*voltando-se*):

Que é?

2ª JOVEM:

Esperei que saísse. Minha mãe está te esperando.

YERMA:

Está sozinha?

2ª JOVEM:

Com duas vizinhas.

YERMA:

Diz para me esperar um pouco.

2ª JOVEM:

Mas vai mesmo? Não tem medo?

YERMA:

Vou de qualquer jeito.

2ª JOVEM:

Então vai!

YERMA:

Que me esperem, mesmo que seja tarde.

(*Entra VÍTOR*)

VÍTOR:

João já chegou?

YERMA:

Já, já chegou.

2ª JOVEM (Cúmplice):

Então, eu trago a blusa.

YERMA:

Quando quiser. (*Sai a JOVEM*) Senta.

VÍTOR:

Estou bem assim.

YERMA (Chamando):

João!

VÍTOR:

Venho dizer adeus. (*YERMA estremece levemente, mas logo torna a serenar*)

YERMA:

Vai com seus irmãos?

VÍTOR:

Assim quer meu pai.

YERMA:

Ele deve estar velho.

VÍTOR:

Velho, muito velho.

(Pausa)

YERMA:

Faz bem em mudar de campo

VÍTOR:

Todos os campos são iguais.

YERMA:

Isso não. Eu iria embora para muito longe.

VÍTOR:

É tudo igual. As ovelhas têm a mesma lã.

YERMA:

Para os homens, sim. Para as mulheres as coisas são diferentes. Nunca ouvi um homem dizer enquanto come: “como estão boas estas maçãs”. Toma do que é seu sem reparar nos belos detalhes. Mas agora sei que posso dizer: me aborreci da água destes poços.

VÍTOR:

Pode ser. (*A cena está numa suave penumbra. Pausa*)

YERMA:

Vitor.

VÍTOR:

Diga.

YERMA

Por que vai embora? As pessoas daqui te querem.

VÍTOR:

Sempre fiz tudo da melhor forma.

(Pausa)

YERMA:

Realmente. Quando a gente era mais jovem, lembra que me levou uma vez nos braços? Nunca se sabe o que vai acontecer.

VÍTOR:

Tudo muda.

YERMA:

Algumas coisas não mudam. Há coisas fechadas dentro de quatro paredes que não podem mudar porque ninguém as ouve.

VÍTOR:

A vida é assim.

(Aparece a IRMÃ MAIS JOVEM e se dirige lentamente para a porta, onde permanece imóvel, iluminada pela última luz da tarde)

YERMA:

Mas, de repente, se essas coisas saíssem e gritassem, tomariam conta do mundo.

VÍTOR:

Não adiantaria nada. O açude em seu lugar, o rebanho no curral, a lua no céu e o homem com seu arado.

YERMA:

Que pena maior é não ouvir mais a sabedoria dos antigos. *(Ouve-se o longo e melancólico som de berrantes)*

VÍTOR:

Os rebanhos.

JOÃO (entra):

Está de partida?

VÍTOR:

E quero passar pelo porto antes do amanhecer.

JOÃO:

Leva alguma queixa de mim?

VÍTOR:

Não. Foste um bom pagador.

JOÃO (A Yerma):

Comprei os rebanhos dele.

YERMA:

Comprou?

VÍTOR (A Yerma):

Agora são teus.

YERMA:

Não sabia.

JOÃO (Satisfeito):

Assim são as coisas.

VÍTOR:

Teu marido está aumentando suas posses.

YERMA:

O fruto a quem trabalha.

(A IRMÃ, que estava na porta, entra)

JOÃO:

Já não temos nem onde guardar tantas ovelhas.

YERMA (Sombria):

A terra é grande. *(Pausa)*

JOÃO:

Vamos juntos até o rio.

VÍTOR:

Desejo a esta casa a maior felicidade *(Estende a mão para YERMA.)*

YERMA:

Deus te ouça! E que te conserve com saúde!

(VÍTOR deixa que João vá em frente, em rápidos movimentos, imperceptível para YERMA, volta-se)

VÍTOR:

Disse algo?

YERMA (*Dramática.*):

Disse que Deus te conserve com saúde!

VÍTOR:

Obrigado.

(Saem. YERMA continua imóvel, angustiada, olhando a mão que estendeu para VÍTOR. YERMA se dirige rapidamente para a esquerda e apanha um xale)

2ª JOVEM (*Em silêncio, cobrindo a cabeça de YERMA*):

Vamos.

YERMA:

Vamos. *(Saem sigilosamente)*

(A cena está quase toda na escuridão. Entra a IRMÃ MAIS VELHA com uma candeia que deve iluminar nada no teatro. Dirige-se ao fundo da cena, procurando por YERMA. Soam os sinos dos rebanhos)

1ª CUNHADA (*Em voz baixa*):

Yerma!

(Entra a 2ª CUNHADA. Trocam olhares e dirige-se à porta)

2ª CUNHADA (*Mais alto*):

Yerma!

1ª CUNHADA (*Dirigindo-se à porta e com a voz imperiosa*):

Yerma!

(Saem. Ouvem-se os berrantes dos pastores. A cena está muito escura)

PANO

PRIMEIRO QUADRO

(Casa de DOLORES, rezadeira. Vai amanhecendo. Entra YERMA com DOLORES e duas VELHAS)

DOLORES:

Que coragem, mina filha!

1ª VELHA:

Não há no mundo força maior que o desejo.

2ª VELHA:

Mas o cemitério estava horrivelmente escuro.

DOLORES:

Muitas vezes fiz essas orações no cemitério com mulheres que ansiavam ter filhos, e todas tiveram medo. Todas, menos você

YERMA:

Eu vim pelo resultado. Acho que a senhora não é mulher de enganar.

DOLORES:

Não, não sou. Que minha boca fique cheia de formigas como a boca dos mortos, se alguma vez menti. Uma vez fiz reza pra uma mendiga que estava seca há mais tempo que tu, e seu ventre se adoçou tão maravilhosamente que teve duas criaturas lá embaixo, perto do rio, porque não teve tempo de chegar em casa, e ela própria as trouxe em umas fraldas para que eu cuidasse de tudo.

YERMA:

E ela conseguiu vir andando do rio até aqui?

DOLORES:

Conseguiu. Com os sapatos e as anáguas empapadas de sangue... mas vinha com o rosto reluzente

YERMA:

E não aconteceu nada com ela?

DOLORES:

E o que poderia acontecer. Deus é Deus.

YERMA:

Naturalmente. Deus é Deus. Não aconteceria nada além de agarrar as criaturas e lavá-las com água fresca. Os animais lambem suas crias, não é mesmo? Não tenho asco de meu filho.

Imagino que as recém-paridas estão como que iluminadas por dentro, e as crianças dormem horas e horas em cima delas ouvindo esse rio de leite morno que vai enchendo os seios delas, para que mamem, para que brinquem, até não quererem mais; até que elas puxem a cabeça do filho: “Um pouquinho mais, meu filho”..., e o peito e a criança ficam cheios de gotas brancas.

DOLORES:

Agora vai ter um filho. Posso te assegurar.

YERMA:

Vou ter um filho porque tenho de ter. Ou não entendo mais o mundo. Às vezes, quando estou certa de que nunca, nunca... Sobe uma onda de fogo pelos pés e todas as coisas ficam vazias, e os homens que andam pelas ruas, e os touros e as pedras parecem que são de algodão. Então me pergunto: por que estão aí?

1ª VELHA:

Tudo bem que uma mulher casada queira filhos, mas se não tem, por que essa obsessão por eles? O que importa é que, nesse mundo, os anos passam. Não te critico. Olha como te ajudei com as rezas. Mas o que espera dar a seu filho? Qual felicidade, que berço?

YERMA:

Eu não penso no amanhã; só penso no agora. A senhora está velha w vê tudo como um livro já lido. Eu tenho sede e não tenho liberdade. Quero meu filho nos braços para dormir tranqüila, e ouve bem, não se espante com o que digo: mesmo que soubesse que meu filho um dia iria me martirizar, que me odiaria ou me arrastaria na rua pelos cabelos, com gozo receberia seu nascimento, porque é muito melhor chorar por um homem vivo que nos apunhala que chorar por este fantasma, ano após ano, sentado sobre meu coração.

1ª VELHA:

Você é muito jovem para ouvir conselhos. Mas enquanto espera a graça de Deus, deve se amparar no amor de seu marido.

YERMA:

Ah! A senhora colocou o dedo na chaga mais profunda de minhas carnes.

DOLORES:

Teu marido é bom.

YERMA (*ergue-se*):

É bom! É bom! E depois? Antes fosse mau. Mas não. Ele segue com suas ovelhas pelo caminho e, de noite, conta o dinheiro. Quando dormimos, cumpre com seu dever, mas sinto que seu corpo é frio como se estivesse morto; e eu, que sempre tive repulsa às mulheres ardentes, queria ser naquele instante uma montanha de fogo.

DOLORES:

YERMA!

YERMA:

Não sou uma esposa indecente, mas sei que os filhos nascem do homem e da mulher. Ah! Se os pudesse ter sozinha!

DOLORES:

Olha que teu marido também sofre.

YERMA:

Não sofre, não. O que realmente acontece é que não deseja filhos.

1ª VELHA:

Não digas isso!

YERMA:

Vejo isso em seus olhos. E, como não os deseja, não me dá. Não quero, não quero meu marido, e, no entanto, ele é a minha única salvação. Por honra ou por casta. Minha única salvação.

1ª VELHA (com medo):

Logo vai começar a amanhecer. Volta para casa.

DOLORES:

Em um pouquinho de nada os rebanhos saem, e não é conveniente verem que está sozinha, Yerma.

YERMA:

Precisava desabafar. Quantas vezes repito as rezas?

DOLORES:

A oração dos louros duas vezes, e ao meio-dia a oração de Santa Ana. Quando se sentir melhor, traz o trigo que você prometeu.

1ª VELHA:

Vai, que a luz já cobre os montes.

DOLORES:

Como em seguida vão abrir os portões, dá volta pelo açude.

YERMA (com desânimo):

Não sei por que vim!

DOLORES:

Arrependeu-se?

YERMA:

Não!

DOLORES (Conturbada):

Se tem medo, vou contigo até a esquina.

VELHA (com inquietação):

Quando chegar à porta de tua casa, já vai ser dia. (*Ouvem-se vozes*)

DOLORES:

Fica quieta! (*Escutam*)

1ª VELHA:

Não é ninguém. Vá com Deus.

(*YERMA dirige-se até a porta, e nesse momento a chamam. As três mulheres ficam paradas*)

DOLORES:

Quem é?

VOZ:

Sou eu.

YERMA:

Abre. (*DOLORES hesita*) Abre ou não?

(*Ouvem-se murmúrios. Aparece JOÃO e as CUNHADAS*)

2ª CUNHADA:

Estão está aqui.

YERMA:

Aqui mesmo!

JOÃO:

O que fazes neste lugar? Se pudesse gritar, acordaria todo o povoado para que visse por onde anda a honra da minha casa; mas vou afogar tudo me calando, porque você é minha mulher.

YERMA:

Se pudesse gritar, também gritaria, para que até os mortos se erguessem e vissem a brancura que me veste.

JOÃO:

Não, isso não. Agüento tudo, menos isso. Anda me enganando, me envolvendo e, como sou um homem que trabalha a terra, não tenho cabeça pra essas astúcias.

DOLORES:

JOÃO!!!

JOÃO:

As senhoras não digam uma palavra.

DOLORES (*Forte.*):

Tua mulher não fez nada de errado.

JOÃO:

Vem fazendo desde o primeiro dia de nosso casamento. Olha para mim como duas agulhas, velando a noite, com os olhos abertos, enchendo de maus suspiros os meus travesseiros.

YERMA:

Chega!

JOÃO:

Eu não agüento mais. É preciso ser de ferro para viver com uma mulher que quer enterrar os dedos no meu coração; e que de noite sai de sua casa atrás de quê? Fala! Atrás de quê? As ruas estão cheias de machos. Nas ruas não há flores para colher.

YERMA:

Não deixo que fale mais uma só palavra. Nem uma mais. Você e sua gente imaginam que são os únicos que guardam honra e não sabem que nunca ocultei a minha. Anda. Se aproxime de mim e cheira meus vestidos, vem! Vê se encontra algo que não seja do teu corpo. Tira minha roupa na praça e cospe em mim. Faça comigo o que quiser, sou sua mulher, mas não lance nomes de homens contra meus seios.

JOÃO:

Não sou eu que faço isso, tua conduta é que faz, e o povo repete, claramente. Quando chego perto de uma roda de pessoas, todos silenciam. Quando chego a uma roda de pessoas, todos se calam. Quando vou pesar farinha, todos se calam, e até de noite no campo, quando desperto, acho que mesmo os galhos das árvores também se calam.

YERMA:

Não sei por que o vento espalha o trigo; vem ver se o trigo é bom com teus próprios olhos!

JOÃO:

Nem sei o que uma mulher busca todo o tempo fora de sua casa.

YERMA (num arranque, abraça o marido):

Busco a ti, busco a ti! Dia e noite, João, sem encontrar sombra onde respirar. É teu sangue e teu amparo que desejo.

JOÃO:

Me larga.

YERMA:

Não me deixe, fique comigo.

JOÃO:

Me deixa!

YERMA:

Olha como estou só. Como se a lua procurasse a si mesma pelo céu. Olha! (*Olha-o*)

JOÃO (olha-a e a afasta de si, bruscamente):

Me deixa de uma vez por todas!

DOLORES:

JOÃO! (*YERMA cai no chão*)

YERMA (*em voz alta*):

Quando saía atrás dos cravos, dei de frente com o muro. Ai, ai! É nesse muro que vou arrebentar minha cabeça.

JOÃO:

Calada! Vamos!

DOLORES:

Meu Deus!

YERMA (*aos gritos*):

Maldito seja meu pai que me deixou seu sangue de pai de cem filhos! Maldito seja meu sangue que busca os filhos batendo-se no muro!

JOÃO:

Calada, eu já disse!!

DOLORES:

Vem gente! Fala baixo.

YERMA:

Não me importa. Deixem, pelos menos, minha voz livre, agora que vou entrando no mais escuro do poço (*Se levanta*) Deixem que saia do meu corpo essa bela coisa que enche os ares!

(*Ouvem-se vozes*)

DOLORES:

Vão chegar aqui.

JOÃO:

Silêncio.

YERMA:

Isso mesmo! Isso mesmo! Silêncio. Não se preocupe.

JOÃO:

Vamos. Depressa!

YERMA:

Vamos! Vamos embora! É inútil esfregar as mãos! Uma coisa é pensar e outra é...

JOÃO:

Calada!

YERMA (*em voz baixa*):

Uma coisa é pensar, e outra é sentir com o corpo, maldito seja o corpo, que não responde. Está escrito e não vou lutar com o mar. As coisas são assim. É assim! Que minha boca se feche para sempre! (*Sai*)

PANO

SEGUNDO QUADRO

(Arredores de uma ermida, em plena montanha. No primeiro plano, umas rodas de carro de boi e umas mantas, formando uma tenda rústica onde está Yerma. Entram as MULHERES com oferendas, para a ermida. Elas vêm descalças. A VELHA alegre do primeiro ato está em cena)

(Canção ao pano se abrindo)

Não podia te ver
quando era solteira.
Mas depois de casada
Contigo vou me encontrar.
Tirarei tua roupa,
Esposa amante e romeira,
Quando a escuridão
Da meia-noite chegar.

VELHA (irônica):

Já bebeste da água venta?

1ª MULHER:

Bebi.

VELHA:

E depois vai ver esse aí.

1ª MULHER:

Cremos nele.

VELHA:

Vieram pedir filhos ao Santo, mas acontece que a cada ano mais homens solteiros participam da romaria. O que será que está havendo? *(Ri)*

1ª MULHER:

Por que a senhora vem, se não acredita?

VELHA:

Para ver. Fico louca para ver. E para cuidar de meu filho. No ano passado, dois homens se mataram por causa de uma casada sem filhos, e preciso vigiar. E, em último caso, venho porque tenho vontade de vir.

1ª MULHER:

Que Deus te perdoe! *(Entram)*

VELHA (com sarcasmo):

Que te perdoem também. *(Sai. Entra MARIA com a 1ª JOVEM)*

1ª JOVEM:

Chegou?

MARIA:

O carro está ali. Deu muito trabalho para viesse. Ela ficou um mês sem sair de casa. Tenho medo dela. Pensa em algo que não sei o que é, mas desde já é algo muito mau.

1ª JOVEM:

Vim com mina irmã. Há oito anos que não vêem suas rezas atendidas.

MARIA:

Tem filhos aquela que tem de ter.

1ª JOVEM:

É o que eu digo.

(Ouvem-se vozes)

MARIA:

Nunca gostei dessa romaria. Vamos às plantações, que é onde estão as pessoas.

1ª JOVEM:

No ano passado, quando anoiteceu, uns moços passaram as mãos nos seios de minha irmã.

MARIA:

Para onde quer que se vá, só se escutam coisas terríveis.

1ª JOVEM:

Vi mais de quarenta tonéis de vinho perto da ermida.

MARIA:

Um rio de homens solteiros desce para estas serras.

(Saem. Vozes. Entra YERMA com seis MULHERES que vão para a igreja. Estão descalças e carregam círios encrespados. Começa a anoitecer)

YERMA:

Senhor, que floresça a rosa,
não me deixe na sombra.

2ª MULHER:

Em sua carne murchada
floresça a rosa dourada.

MARIA:

E no ventre de tuas servas
Brote a obscura chama da terra.

CORO DE MULHERES:

Senhor, que floresça a rosa,
não deixe na sombra.

(Se ajoelham)

YERMA:

O céu tem jardins
com roseiras de alegria,
entre roseira e roseira
a rosa da maravilha.
Raio de aurora aparece,
E um arcanjo a vigia,
as asas como tormentas,
os olhos como agonias.
Ao redor de suas folhas
rios de leite morno havia
brincavam molhando o rosto
das estrelas tranqüilas.
Senhor, abre tua roseira
Sobre mina carne abatida.

(Se levantam)

2ª MULHER:

Senhor, acalma com tua mão
As brasa que esse corpo irradia.

YERMA:

Ouve a penitente
De tua santa romaria.
Abre tua roseira sobre mina carne
Mesmo que os espinhos me tragam feridas.

CORO:

Senhor, que floresça a rosa,
Não a deixe na sombra.

YERMA:

Em mina carne murchada,
A rosa da maravilha seja cravada.

(Entram)

(Saem as MULHERES correndo com enormes fitas nas mãos, pela esquerda. Pela direita, outras três mulheres entram olhando para trás, trazendo enormes fitas também. Na cena há um crescendo de vozes, com ruínas de cascavéis e guizos. Em um plano superior aparecem as sete mulheres que agitam as cintas para a esquerda. O ruído aumenta, e entram duas

MÁSCARAS populares, uma como MACHO, outra como FÊMEA. O MACHO empunha um corpo de touro na mão. Não são grotescas, mas de grande beleza e com um sentido de puro telúrico. A FÊMEA agita um colar de chocalhos de cascavéis) (O fundo se enche de gente que grita e comenta a dança. Anositeceu)

MENINOS:

O demônio e sua mulher! O demônio e sua mulher!

FÊMEA:

No rio da serra
a esposa triste se banhava.
Por seu corpo subiam
As espirais das águas.
A areia das margens
e o ar da alvorada
davam o fogo de sua risada
e a agitação de suas costas largas.
Tão desnuda estava
a donzela na água!

MENINO:

Ah, como se queixava!

1º HOMEM:

Murcha e sem amores!
Com o vento e a água!

2º HOMEM:

Que diga a quem espera!

1º HOMEM:

Que diga a quem aguarda!

2º HOMEM:

Ah, com o ventre seco
E a cor apagada!

FÊMEA:

Quando chegar a noite, direi,
quando chegar a noite clara.
Quando chega a noite da romaria
rascarei por inteiro minhas anáguas.

MENINO:

E em seguida veio a noite.
Ah, que a noite chegava!
Olhem como ficam escuros
Os cumes das montanhas.

(Violões soam)

MACHO (*Se levanta e agita o corno*):

Como é frágil
a triste casada!
Como se queixa entre as árvores!
Será logo Amapola e cravo
quando o macho tirar sua capa.

(*Se aproxima*)

Se vens à romaria
pedir que teu ventre se abra,
não te cubras de luto,
mas de roupas adornadas.
Vai só para trás dos muros
onde estão as figueiras cercadas,
e suporta meu corpo de terra
até o branco gemido da alva.
Ah, como brilha!
Ah, como brilhava!
Ah, como resplandece a casada!

FÊMEA:

Ah, a mor nos dá
Coroas e grinaldas
E dardos dourados
Nos peitos crava!

MACHO:

Sete vezes gemia,
Nove se levantava,
Quinze vezes jasmins
O amor com laranjas ajuntava.

3º HOMEM:

Bate teu corno!

2º HOMEM:

Com a rosa e a dança!

1º HOMEM:

Ah, como resplandece a casada!

MACHO:

Nesta romaria
o machão sempre manda.
Os maridos são touros.
O machão sempre manda.
O homem comanda,
E as romeiras flores
Dão aos que ganham.

MENINO:

Bate nele com o ar!

2º HOMEM:

Bate nele com os ramos!

MACHO:

Venham ver a luz
Daquela que se banhava.

1º HOMEM:

Como o junco se curva.

FÊMEA:

E como a flor se cansa.

HOMENS:

Retirem as muito jovens!

MACHO:

Que se queime a dança
E o corpo reluzente
Da casta casada!

(Dançam ao som de palmas e música. Cantam)

O céu tem jardins,
Com roseiras de alegria,
Entre roseira e roseira,
A rosa da maravilha.

(As duas JOVENS passam gritando. Entra a VELHA alegre)

VELHA:

Tomara que nos deixem dormir em paz logo. Mas será a sua vez. *(Entra YERMA)* Você?
(YERMA está abatida e não fala.) Por que veio, me diz?

YERMA:

Não sei.

VELHA:

Não se conforma? E teu marido? *(YERMA demonstra cansaço, como se uma idéia fixa a atormentasse)*

YERMA:

Toma.

VELHA:

O que está fazendo?

YERMA:

Bebe. (*Pausa. Jogando as mãos para frente*) Ah!

VELHA:

Ah, ah! Pára de te lamentar e busca mais vida. Daquela vez não quis dizer nada, agora vou dizer.

YERMA:

O que vai dizer que eu já não saiba!

VELHA:

O que não se pode calar. O que está nas telhas da casa. É culpa de teu marido, ouviu? Nem seu pai, nem seu avô, nem seu bisavô foram homens honrados. Para que se tenha um filho é preciso que céu e terra se unam. Eles são feitos de saliva. Tua gente não. Tem irmãos e primos em todas essas redondezas. Olha que maldição veio cair sobre tua beleza!

YERMA:

Uma maldição. Um charco de veneno sobre as espigas.

VELHA:

Mas você tem os próprios pés para sair de casa.

YERMA:

Sair de casa?

VELHA:

Quando vi você na romaria, me deu aperto no coração. Pra cá acorrem as mulheres, a fim de conhecer homens jovens, e o Santo faz o milagre. Meu filho está sentado atrás da ermida. Ele me espera. Preciso de uma mulher em minha casa. Vem com meu filho e viveremos os três juntos. Ele tem sangue forte. Assim como eu. Entrando em casa, haverá perfume de berços. A cinza das tuas cobertas se tornará pão e sal para teus filhos. Anda. Não se preocupe com os outros. E quanto a teu marido, em minha casa há entranhas e instrumentos para que não cruze sequer a rua.

YERMA:

Cala a boca, mulher, cala a voa! Não entende que não é isso? Nunca faria uma coisa dessa. Como pode penar que posso conhecer outro homem? Onde fica minha honra? As águas não podem voltar pra onde saíram, nem a lua cheia surgir ao meio-dia. Sai daqui. Vou seguir por outro caminho. Achou seriamente que eu podia me dobrar para outro homem? Quer que eu vá implorar o que é meu como uma escrava? Saiba quem eu sou, para que nunca mais fale comigo dessa maneira. Eu não vou atrás de ninguém.

VELHA:

Quando se tem sede, se agradece à água.

YERMA:

Eu sou como um deserto onde seguem arando mil pares de bois, e o que a senhora me oferece é um insignificante copo com água de poço. Eu tenho é dor que já não estão nas carnes.

VELHA (*forte*):

Então continua assim. Gosta disso. Como os espinhos do deserto. Acomodada, murcha.

YERMA (*Forte*):

Murcha, sim! Eu sei! Murcha! Não precisa esfregar a verdade em minha cara. Não venha soluçar como os meninos na agonia de um bicho ferido. Desde que me casei, torno e retorno a esta palavra, mas é a primeira vez que a escuto, a primeira vez que me dizem na cara. A primeira vez que vejo que é verdade.

VELHA:

Não tenho pena de você, nenhuma. Vou atrás de outra de outra mulher para meu filho.

(A VELHA sai. Ouve-se um grande coro distante dos romeiros. YERMA dirige-se para o carro de bois. Atrás dele aparece JOÃO)

YERMA:

Estava aí?

JOÃO:

Estava.

YERMA:

Espiando?

JOÃO:

Espiando.

YERMA:

E ouviu tudo?

JOÃO:

Ouvi.

YERMA:

E então? Me deixa e vai com os cantadores. *(Senta-se nas mantas)*

JOÃO:

Agora é a minha hora de falar.

YERMA:

Pois fala.

JOÃO:

E de me queixar.

YERMA:

E por quais motivos?

JOÃO:

Porque tenho um amargor na garganta.

YERMA:

E eu nos ossos.

JOÃO:

Chegou o último instante de resistir a este contínuo lamento por coisas obscuras, fora da vida, pó coisas que estão no ar.

YERMA (*com assombro dramático*):

Fora da vida, é? No ar?

JOÃO:

Por coisas que não aconteceram e que não dependem da gente.

YERMA (*Violenta*):

Continua, fala mais, fala!

JOÃO:

Por coisa que não me interessam. Ouviu? Não me interessam. Já não era sem tempo que eu dissesse isso. Só me interessa o que tenho nas mãos. O que vejo com meus olhos.

YERMA (*levantando-se nos joelhos, desesperada*):

Muito bem, muito bem mesmo. Era isso que eu queria ouvir de teus lábios... Não se conhece a verdade quando ela está dentro de nós. Mas como é grande e como grita quando sai e ergue os braços! Não interessa, não é!? Ouvi o que tinha de ouvir.

JOÃO (*aproximando-se*):

Pensa que teria que passar por isso. Ouça (*abraça a mulher, como para erguê-la*) Muitas mulheres seriam felizes levando a vida que você leva. Sem filhos, a vida é mais doce. Eu sou feliz sem eles. Não temos culpa de nada.

YERMA:

E o que buscava em mim?

JOÃO:

Você mesma.

YERMA (*Excitada*):

Ah, é por isso? Queria a casa, a tranquilidade e uma mulher. Nada mais. Não é verdade?

JOÃO:

É verdade. Como todos.

YERMA:

E o resto? E um filho?

JOÃO (*Forte*):

Não ouviu que não me interessa? Não me pergunte mais nada! Acho que tenho de gritar para que me entenda, para ver se de uma vez por todas fique tranqüila.